

CONTOS
E NOVELAS
TODA A FICÇÃO CURTA DE
**CAMILO
CASTELO
BRANCO**
VOLUME III

ORGANIZAÇÃO · INTRODUÇÃO · NOTAS
HUGO PINTO SANTOS

Índice

| | |
|-------------------|----|
| <i>Introdução</i> | 9 |
| <i>Prefácio</i> | 13 |

CONTOS E NOVELAS COMPLETOS VOLUME III

| | |
|-------------------------------|-----|
| QUATRO HORAS INOCENTES (1872) | 31 |
| <i>Prefácio</i> | 33 |
| A Flor da Maia | 37 |
| O Livro de Lázaro | 61 |
| Epílogo | 71 |
| A Coroa de Ouro | 72 |
| Por Causa do Pano da Boca | 77 |
| O Inferno | 82 |
| O Santo de Midões | 86 |
| Celestina | 95 |
| A Cruz do Corcovado | 103 |
| Uma Carta de Inácio Pizarro | 108 |
| Leitura Consoladora | 116 |

| | |
|---|-----|
| Em Vinte Anos | 123 |
| Conclusão | 134 |
| | |
| NOITES DE INSÓNIA (1874) | 137 |
| O Livro 5.º da Ordenação, título 22 | 139 |
| Aquela casa triste... (1872) | 149 |
| O Cofre do Capitão-Mor | 169 |
| Uma viscondessa que não era (Episódio das podridões modernas) | 185 |
| Que segredos são estes? | 196 |
| Beatriz de Vilalva | 206 |
| A menina perdida | 220 |
| | |
| NOVELAS DO MINHO (1875-1877) | 225 |
| I Gracejos Que Matam | 229 |
| II O Comendador | 271 |
| III O Cego de Landim | 308 |
| IV A Morgada de Romariz | 339 |
| V O Filho Natural | 375 |

UMA VISCONDESSA QUE NÃO ERA (Episódio das podridões modernas)

Como quer que eu andasse jornadeando, há cinco anos, por aldeias do Minho, intransitadas e menos conhecidas, encontrei um saimento que, ao princípio, cuidei ser procissão.

Afora a clerezia, que era numerosa, realçavam com as suas cores rubras, amarelas e roxas os balandraus de três irmandades. Seguiam-se as alas dos visitantes da família anojada, mui bem-postos e quase sérios, com as suas casacas de gola enroscada e canhões arregaçados, para evitarem os pingos de cera. A espaços, palmilhava o chão juncado de rosmaninho, espadanas e hortênsias, um anjo que atirava as pernas compassadamente ao ritmo da música, bamboando as saias, as plumas e as asas relampejantes. Seriam seis os anjos, de vários tamanhos e significações imaginosas, parecendo-me tão pouco celestiais quanto alguns deles tinham escanhado as queixadas para se darem o imberbe rubor de quem fingiam ser. Eram deveras fúnebres e apropriados ao cortejo. Na vanguarda do préstito ia a banda musical trovejando marchas fúnebres, de metal e bombo; no remate negrejava o esquife, roçagando baeta-crepe, levado à mão por quatro sujeitos de casaca e catadura adequadas.

Apeei, e desviei-me a um recanto da estrada, enquanto perpassava o saimento; depois, perguntei a um homem retardado da comitiva quem era o defunto.

- Era a senhora viscondessa — disse ele.
- Viscondessa de quê? — volvi eu.
- De quê?!
- Sim; pois ela havia de ser viscondessa de alguma coisa.

— Isso não o sei, nem me consta. Acho que era só viscondessa.

Não prossegui na ociosa averiguação; mas, daí a pequena distância, encontrei uma casa grande com seu portal de ferro, e na cimalha da padieira esta legenda em letras bronzeadas: «Viscondessa do Salgueiral».

Eu não conhecia este título.

Parei defronte da vetusta capela, ornamentada de pedra de armas, por onde inferi que o título, se era moderno, acrescentara uma coroa a fidalgos antigos. Compunha-se o brasão das quinas de Portugal em campo de prata, e um cordão de S. Francisco à volta do escudo; timbre, uma águia de azul, de asas abertas, com cinco besantes de prata no peito. Eram as armas dos Eças.

Enquanto ali me quedei a esboçar o brasão, não ouvi chorar ninguém, como é costume, enquanto dobram os sinos, e reboam gementes nas quebradas dos montes. Acertou de passar então um pegureiro que vinha do pasto com a mundice^(*), e perguntei-lhe se a senhora viscondessa, que morrera, era nova.

— Era já velhota — respondeu o rapaz, tangendo um boi que se preparava para escornar o meu terra-nova.

— Ela não tinha família? — tornei eu.

— O quê?

— Se não tinha filhos...

— Filhos, acho que não; tinha o senhor doutor.

O pastorinho foi andando, e eu também, em sentido oposto.

Ao cair da tarde, cheguei à aldeia onde havia de pernoitar em casa do abade, meu condiscípulo em latim.

Disseram-me que ele ainda não tinha recolhido do enterro; mas, tendo-me visto no caminho, mandara por atalhos avisar que me hospedassem.

Não se demorou o abade.

— Cá pela aldeia — disse-lhe eu —, os cadáveres titulares levam tempo a enterrar.

— Não foi isso. É que eu, na qualidade de testamenteiro da defunta, fiquei presidindo à arrecadação do espólio miúdo. Bem sabes que dez

(*) O rebanho de ovelhas, lato de cabras e manada de gado bovino, chama-se em algumas partes do Minho «mundice», talvez corrupção de «imundícia» [*nota de Camilo*].

contos e quinhentos mil réis em cruzados novos e peças levam tempo a contar...

— Também herdaste?

— Herdei também um relógio de algibeira de repetição com música, uma livraria padresca em latim que deve pesar vinte quintais, e duas imagens de mártires de pau-preto, que parecem martirizadas a machado; mas o ditoso herdeiro desta senhora é... Olha lá, não te recordas dos nossos condiscípulos na aula do padre Lixa⁽⁸⁶⁾, há vinte e cinco anos?

— De dois ou três.

— Lembras-te dum rapazinho louro, que entrou quando nós íamos sair do latim, chamado Cordeiro, que andava sempre a lagrimar e a babar-se de saudades da mamã?

— Não me recordo desse rapaz que se babava de saudades...

— Chamávamos-lhe nós a *Meiga-Jibóia*.

— Agora, sim!... Estou vendo-o debaixo do alpendre do padre Lixa a cismar com a língua de fora. *Meiga-Jibóia*, sim, senhor; parece-me até que fui eu que lhe pus a imaginosa alcunha, porque nenhum de vocês, os meus condiscípulos, tinha fantasia para tanto.

— Pois aí tens o herdeiro da viscondessa... que não é.

— Que não é o quê?

— Viscondessa.

— Ora essa! Um lavrador disse-me que ela era viscondessa *tout court*⁽⁸⁷⁾, viscondessa de nada. Vens tu, e confirmas o lavrador, dizendo-me que não era viscondessa a tal finada! Mas eu li o letreiro no portão de ferro...

— É verdade, o letreiro lá está. Depois de ceia, se o sono te não apertar, ouvirás a história deste título.

— Se tem história, é um bom título; que eu sei de centenaes de títulos sem história. Cearemos de modo que o espírito se não comprometa na digestão.

⁽⁸⁶⁾ Pelo nome de Padre da Lixa ficou conhecido Manuel Rodrigues, o sacerdote com quem Camilo estudou Latim, na Granja Velha, a poucos quilómetros de Ribeira de Pena, onde ficava a casa dos pais da sua primeira mulher, Joaquina Pereira de França – a «Quininha». Aliás, foi o Padre da Lixa quem celebrou o casamento [*nota do organizador*].

⁽⁸⁷⁾ Na 1.^a ed., grafa-se com hífen a expressão, em que até Camilo incorreu (não é, obviamente, caso isolado, o recurso a termos franceses) [*nota do organizador*].



Depois de ceia, o abade, acautelando as portas à curiosidade das irmãs, que ainda eram moças e casquilhas, contou-me este conto:

— Havia em Braga um chapeleiro muito rico, pai de duas meninas. A sua mania era casá-las com fidalgos; e depressa concorreram alguns opositores às noivas. Um desses, que militava na qualidade de tenente de milícias, era João Ferreira d'Eça, dono da casa onde viste o brasão. O chapeleiro, que não dava a filha sem mandar examinar por pessoa competente os pergaminhos do pretendente, convenceu-se de que o alferes era primo em segundo grau dos condes de Cavaleiros. Deu-lhe, portanto, a filha e sessenta mil cruzados.

Dona Antónia, poucos anos depois, viuvoa, sem ter filhos. Era bonita e muito rica. Outros fidalgos se lhe ofereceram em segundas núpcias; mas a inconsolável viúva nem recebia visitas, nem respondia às cartas.

A outra filha do chapeleiro mandara-se também fidalgamente; porém, o marido, que aceitara o desigual enlace para resgatar os bens hipotecados, nem resgatara os bens, nem perdoara à esposa ter-lhe dado o abundante ouro com que ele alargou a área dos vícios. Esta senhora tinha três filhos. D. Antónia d'Eça pediu-lhe o mais velho, e desde logo o considerou seu principal herdeiro.

O pequeno tinha 8 anos quando veio para o Salgueiral, e orçava pelos 16 quando foi ser nosso condiscípulo em gramática latina. Aquele choramingar e cismar com a língua de fora, como tu observaste, eram o resultado do amor extremoso com que a tia o criara. Ela não queria largá-lo de si; mas as raras pessoas que a visitavam arguiam-na de ser causa a que seu sobrinho, embora rico, ficasse para ali tão estúpido como os seus criados.

Álvaro Cordeiro não era incapaz de aprender; mas resistia às maneiras quer brandas, quer violentas do professor. Não havia página de livro que não tivesse para ele uma cabeça de Medusa a carranquear-lhe.

Quando chegou aos 22 anos, induzido pelas descrições da vida-airada que os estudantes levavam em Coimbra, disse à tia que se queria doutorar. D. Antónia exultou, encheu-o de carícias e dinheiro, e mandou-o com a sua ama-seca, com o seu escudeiro e com o seu cavalo para Coimbra.

As estouvances de Álvaro deram brado entre 1851 e 1858. O dinheiro que a tia lhe enviara fora tanto que, afinal, nem o extremado amor que lhe tinha a impediu de se espantar e doer do abuso.

Findos seis anos de Coimbra, apresentou-se à tia dizendo que era doutor em filosofia e direito. Logo em duas faculdades tão desirmãs! Pasmeei do reviramento e actividade daquela preguiçosa inteligência!

Todos lhe chamávamos «doutor», sem ofender-lhe a modéstia nem a consciência. Por muito tempo o julguei mais ou menos côncio das duas faculdades; mas, acaso, um dia soube em Braga que o doutor do Salgueiral não fizera, sequer, exame de latim.

Nada revelei aos meus patrícios, nem a ele o esbulhei do grau de bacharel. Era-me penoso magoá-lo sem precisão, criar um inimigo, e abrir ocasião a que a boa tia, arrependida de o beneficiar, o deserdasse.

Pouco tempo se deteve por aqui. Logo que o Inverno assomou com as primeiras névoas ao espinhaço dos outeiros, Álvaro pediu licença a D. Antónia para ir a Lisboa requerer um emprego na diplomacia. A senhora contrariou-lhe o intento, alegando que seu sobrinho não carecia de ser empregado; mas ele replicou razoavelmente que as suas duas faculdades deviam ser utilizadas no serviço da Pátria, e que, por meio da diplomacia, lhe adviriam os lugares de maior honra no Estado. D. Antónia quis ouvir o meu parecer a respeito da diplomacia. Fui conforme ao intento do doutor, e aprovei que seguisse essa carreira, por ser a que mais se dispensava das duas faculdades em hipótese.

Foi Álvaro para Lisboa; e, volvidos quinze dias, deu parte a sua tia que fora nomeado adido à Embaixada portuguesa em Paris, primeiro degrau para subir a ministro, onde esperava chegar em menos de três anos. Esta jubilosa carta concluía por estipular a sua tia a remessa mensal de cinquenta libras, que tanto era necessário à decência e ao luzimento dum diplomata em França.

Fui chamado a votar sobre a cláusula das cinquenta libras. Ora, como eu de antemão sabia que a terníssima senhora lhe daria cem, se ele as pedisse, acedi à necessidade das cinquenta. Ela fingiu-se aflita, lastimou o vácuo do seu pecúlio, profetizou, sem fé, a ruína da sua casa, e encarregou-me de ir ao Porto arranjar banqueiro por onde se transmitissem as mesadas.

Foi Álvaro Cordeiro de Magalhães para Paris, como tu e eu poderíamos ir, se tivéssemos tias párvoas, ricas e extremosas. Quem não

soube da sua partida foi o Governo, que nunca tivera mínima ideia deste adido. Perguntando eu meses depois, em Braga, a um secretário de Embaixada, se conhecia em Paris o adido Cordeiro de Magalhães, disse-me que conhecera lá um Cordeiro de Magalhães, adido sim, mas a uma cocote, e que, a julgar do abismo pelo cairel, o pobre rapaz dentro em pouco estaria de volta para a sua aldeia sem dinheiro nem honra.

Agora, um episódio que prende com esta história. Um tio materno de D. Antónia era capitão de Infantaria, quando os Franceses invadiram o Reino. Dizia-se que este militar entrara nas fileiras de Napoleão, seguira o grande exército e nunca mais voltara a Portugal, nem dera notícias suas à família.

Dona Antónia escrevera ao sobrinho recomendando-lhe que indagasse em França se existiriam descendentes de seu tio Geraldo de Carvalho, que já era coronel, quando se expatriou com o exército francês.

Respondeu Álvaro que seu tio morrera general em Waterloo; e mais nada, quanto a descendentes. Toma tu nota desta digressão, que há-de vir a ponto frisar na história. Já dormes?

— Essa pergunta hei-de eu fazer ao leitor quando lhe repetir o teu conto.



As cinquenta libras mensais tinham subido a cem, quando D. Antónia, ao cabo de dois anos, em apuro de paciência, fez saber ao sobrinho que não podia continuar a mesada.

O pseudo-adido, que já se dizia «secretário de Embaixada» nas cartas à tia, saiu de Paris, trazendo consigo a francesa, a quem amava com a cegueira já descabida nos seus 35 anos, mas natural de um coração mal complecionado.

Chegou Álvaro ao Salgueiral, deixando a francesa no Porto.

A tia recebeu-o com a sua inalterável ternura, e levemente o arguiu de perdulário. Queixou-se ele de lhe ser cortada uma brilhante carreira. Dona Antónia consolou-o antepondo à vaidade de o ver ministro o contentamento de o ter consigo. Álvaro contrafez o prazer de se sentir tão querido, e nunca fora tão amável para sua tia.

Esta senhora herdara da índole do pai a mania de se afidalgar. Muitas vezes me pediu que lhe lesse uns códices genealógicos, escritos no século XVII, relativos às proezas dos avós de seu marido; e coriscava-lhe então nos olhos o entusiasmo, como se o ínclito sangue dos façanhosos Eças se lhe infiltrasse das artérias do chorado esposo.

Uma vez, contando-lhe eu que o filho de um sócio de seu pai acabava de ser agraciado com o baronato, D. Antónia, por entre gargalhadas de sisudo espírito, revelou despeito, e talvez cobiça de ser ridícula como o filho do sócio de seu pai.

Não me espantei, pois, quando Álvaro Cordeiro me disse que ia a Lisboa agenciar o título de viscondessa para sua tia. Dei os parabéns a D. Antónia, persuadido de que o título seria negócio feito, desde que o agente levava ordem franca para negociar a mercadoria.

Passadas algumas semanas, D. Antónia de Eça recebeu a participação de que era agraciada por Sua Majestade, em atenção à ilustre ascendência e serviços de seu marido, com o título de viscondessa do Salgueiral, em uma vida.

Fui eu o encarregado de transmitir mil libras ao sobrinho para pagar os direitos de mercê, luvas, etc.

Ora, seria uma ofensa à tua crítica dizer-te que Álvaro estava em Sintra com a francesa, dissolvendo em prazeres as mil libras da excelente criatura, e forjando cartas de aviso e alvarás de viscondessa.

Fazia tristeza a pobre mulher! Só eu sabia que ela era enganada pelo sobrinho, porque tive pessoa que procurasse informações na respectiva secretaria. Todos a tratavam de «viscondessa», e eu também. E o título desconcertara-lhe por tal maneira o siso que, às vezes, falando-me do marido defunto, chamava-lhe o seu «visconde», tornando a graça retroactiva uns bons vinte anos. O letreiro, que leste na porta, mandou-o ela gravar também no jazigo de família, na baixela, nos reposteiros da sala, que nunca os tivera; e então a coroa essa apareceu mal pintada em tudo, desde os escabelos antigos do salão de espera até aos portais de todas as quintas.

Um dia, escreve-lhe o sobrinho de Lisboa, contando-lhe o seguinte: que, ao sair de Paris, encarregara o seu ministro de continuar indagações acerca dos descendentes de seu tio, o general Geraldo de Carvalho, morto na Batalha de Waterloo; e acrescentava que afinal o visconde de Paiva descobrira em Saint-Nazaire uma neta do general, menina de muitas

prendas e virtudes, vivendo de uma prestação do Estado, proposta ao parlamento por Napoleão III. Continuava Álvaro pedindo licença à palerma da velha para ir visitar sua prima, e oferecer-lhe em nome de sua tia viscondessa passar um Verão no belo Minho.

Dona Antónia rejubilou com esta nova, e fez-me participante da sua alegria. Que repugnância eu senti em obtemperar a esta novíssima velhacaria de Álvaro! Mas eu sentia que o descobrir-lhe uma trapacidade me obrigava moralmente a descobrir-lhe as outras.

Entretanto — pensava eu —, quem sabe? Pode ser que exista a neta do general Geraldo. Porém, não seria acertado averiguar primeiro se existiu semelhante general?

Escrevi a um sábio de Braga perguntando-lhe se tinha notícia de tal nome na história militar de Napoleão I. Respondeu-me o sábio que consultara miudamente a *História do Consulado e do Império*, e entre os generais vivos e mortos não se lhe deparara tal Geraldo, nem ainda entre os oficiais subalternos; mas que, consultando homens de mais de oitenta anos, de Braga, soubera que Geraldo, cunhado do chapeleiro, capitão de Infantaria, morrera na defesa de Badajoz em 1811.

Como quer que fosse, à volta de trinta dias, Álvaro Cordeiro estava no Salgueiral com sua prima Mademoiselle Cora de Carvalho, para quem D. Antónia se mostrava infinitamente graciosa. Uma francesa velha acompanhava a nova sob o título de «aia», honestando assim a viagem de uma menina solteira com seu primo. Escuso talvez dizer-te que...

— A francesa era a cocote — atalhei para acabar hesitações, a respeito da minha perspicácia.

— Mas uma rapariga diabolicamente bonita, com uns trejeitos sarcásticos, que me pareceram a expressão de escárnio e zombaria daquela senhora tão digna de menos ignóbil sobrinho.

Era bonito ouvi-la falar de seu pai, gentil-homem picardo, e de sua mãe, que vinha a ser filha do general Geraldo de Carvalho. E o que mais me espantava era a menina palavrear o português menos mal, tendo falado, um mês antes, com o primeiro português que encontrara em sua vida!

Dona Antónia brindou-a com parte de suas jóias, foi com ela a Braga mostrá-la aos seus parentes; e tanto se lhe devotou que a mim me chegou a dizer que não levaria a mal que seu sobrinho a desposasse.

Eu não pude então conter-me, que não exclamasse: «Deus me livre!»